



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17799 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA, PRECONCEITO E CORPOREIDADE: ANÁLISE DA OBRA ANNE WITH AN E

Maria Clara Rêgo Tenório de Albuquerque - UFBA - Universidade Federal da Bahia

## 1 INTRODUÇÃO

*Anne with an E* é uma série canadense estreada no ano de 2017, baseada no livro *Anne de Green Gables*, de *Lucy Maud Montgomery*. Sua protagonista é uma menina chamada *Anne* que passou seus primeiros anos de vida morando ora em um orfanato e ora em casas de estranhos, sofrendo bastante maus tratos em ambos os lugares. Após 13 anos é enviada para a residência de um casal de irmãos. *Anne* é uma menina bastante extrovertida, inteligente e com grande imaginação. Esse seu jeito cativou o casal (*Marilla Cuthbert* e *Matthew Cuthbert*), mas causou forte impacto na pequena comunidade em que viviam, *Avonlea*. A partir de então, a série apresenta as dificuldades e superações da protagonista ao passar a conviver com os moradores de *Avonlea*, e as relações na escola onde estuda, com alunos e professores, sendo estes últimos *Mr. Phillips* e *Miss Stacy*.

Tendo como base o explicitado acima, o artigo aqui referido tem como objetivo analisar as experiências de corporeidade na vida da protagonista da série *Anne With an E*, na primeira e segunda temporada, tendo como problemática de estudo: como as experiências de corporeidade são vivenciadas pela protagonista da obra *Anne With an E*, uma vez que ela não se encontra nos padrões de beleza definidos pela sociedade? Enquanto elementos metodológicos, destacamos a abordagem qualitativa do estudo, levantamento e estudo bibliográfico para definição da principal categoria de análise, corporeidade. A partir da identificação e tabulação das cenas relacionadas à corporeidade nas duas primeiras temporadas da série, *Anne With an E*.

Para definir corporeidade, partimos de Ahlert (2010, p.117), quando ele afirma que:

A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo. É a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade.

Ou seja, a corporeidade não está compreendida unicamente nos aspectos físicos da relação corpo-mundo, mas também em seu sentido sensível, das experiências, prazeres e frustrações da interação com o externo ao corpo.

Durante o levantamento e análise das cenas priorizou-se as experiências que *Anne* vivenciou ao ingressar na escola, os preconceitos vividos em sua comunidade e seus reflexos na maneira de enxergar a si própria. A análise levou em conta os pressupostos teóricos da corporeidade em ambientes e tempos diferentes, buscando aproximar as experiências vividas pela protagonista e as experiências das crianças em muitas escolas de educação básica no Brasil.

Com a colonização, o Brasil se tornou um país miscigenado devido às culturas que se envolveram nesse processo, refletindo assim na diversidade que se encontra presente ainda nos dias de hoje. O processo de colonização contou com muita desigualdade entre os povos que aqui já habitavam e viriam a habitar, desigualdade na distribuição de terras, na geração de riquezas e no próprio acesso à educação. Com o passar dos anos, o avanço da globalização e a disseminação da cultura ocidental, estabeleceram-se padrões de beleza que acentuavam a mulher branca, magra, dos cabelos lisos e olhos claros, e ignoravam a beleza e, muitas vezes, desprezavam-se os corpos que fugiam a este padrão. Incluindo assim, mais um elemento às desigualdades em nossa sociedade. De acordo com Martins (2015, p. 168):

Na sociedade atual, imbuída pela lógica de mercado, da mundialização e globalização, impôs-se o padrão de corpo 'perfeito', atlético, desenvolvendo hábitos e comportamentos que perseguem a 'beleza física', muito ajudado pela publicidade e mídia, em que o valor dado ao corpo se relaciona como uma mercancia, que deve ser cuidada.

Dito isso é importante frisar o papel da escola no processo de respeito pela diferença e pela diversidade que é tão presente em nosso país, visto que as instituições de ensino é o segundo lugar onde o indivíduo tem experiências de

sociabilidade.

## 2 DESENVOLVIMENTO

A respeito da sociedade em que vivemos Santos e Costa (2018, p. 226) afirmam que “O que vemos é um grande arcabouço semiótico que constrói um mito de corpo moldável, perfeito, magro, liso, jovem e viril, um conjunto de relações que lança um olhar seletivo, que aceita apenas um modelo por vez”. Esse padrão de beleza acaba por se refletir nos diferentes âmbitos da vida em sociedade, não ficando a escola, fora deste processo. Andreolli e Triches (2019), em sua pesquisa, buscaram identificar em duas escolas estaduais, no município de Realeza, Paraná, se os alunos ali presentes estavam satisfeitos com seu corpo. A pesquisa apontou que 59,6% dos alunos estavam insatisfeitos, sendo sua maioria composta pelo sexo feminino, como resultado da maior pressão social em sua estética, quando comparada aos homens. Podemos relacionar o explicitado com os estereótipos de beleza feminina que se encontram presentes nos filmes e desenhos consumidos pelas crianças e pré-adolescentes. Filha (2016, p. 26), em sua pesquisa, ao solicitar que as crianças em uma escola municipal em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, desenhassem e descrevessem como seriam as princesas identificou que “[...] as narrativas, tanto das meninas quanto dos meninos, apresentaram características físicas semelhantes: branca, loira, magra, alta, cintura fina cabelo comprido - liso ou levemente cacheado -, sempre de vestido comprido”. Conforme apresenta Chaluh (2016, p. 149) “[...] em definitivo, com a escrita e com as imagens/filmes estamos apontando a educar um olhar ou a sensibilizar um olhar capaz de perceber ao outro, capaz de se comover perante a presença do outro”, sendo assim, se faz necessário cada vez mais refletir e discutir a corporeidade no primeiro nível da educação escolar brasileira.

### 2.1 Levantamento e análise da obra *Anne with an E*

Ao levantar as cenas de corporeidade na primeira temporada da obra, percebe-se quantos e quão diversos são os motivos pelos quais a protagonista sofre preconceitos. Sejam estes: a) preconceitos de gênero; do ato da mesma b) sentir e vivenciar o mundo de uma maneira diferente; c) por ser órfã, ruiva, magra e possuir sardas. Somado-se a isso, percebe-se que a frequência dessas cenas são motivadas por dois personagens da série: Billy e Josie Pye, colegas de classe da *Anne*, sendo considerada como *bullying* nas análises.

As experiências de *Anne* ao iniciar seus estudos em uma escola se caracterizam como frustrantes. Visto que estudar sempre esteve em seus sonhos, a –garota acabou criando uma fértil imaginação uma expectativa, destoando da realidade. Em seu primeiro dia de aula foi ridicularizada pela forma com a qual estava decorando seu chapéu com flores, sofreu com a forma pela qual os alunos a tratavam, sendo vista como a estranha da sala, que se portava de maneira diferente, com suas falas bastante formais e com seu modo sensível de sentir o mundo. Santos e Costa (2018, p. 233) afirmam que o corpo sensível: “[...] não está ajustado às representações do corpo belo e saudável; é um corpo que contempla todas as experiências sensíveis (digestão, amor, libido, ódio, medo)”. Os autores chamam atenção para este corpo sensível visto que cada vez se preocupa em tornar o corpo belo para se adequar às normas sociais, deixando de ser sensíveis às experiências concretas do mundo, tendo deste modo corpos moldados ao padrão estabelecido. Identificamos que essa padronização acaba por impor à *Anne* uma norma socialmente estabelecida que oprime sua subjetividade.

Ao longo da primeira temporada, identificou-se 12 cenas em que *Anne* sofreu preconceitos por parte dos estudantes. Tais preconceitos foram de origem por *Anne* ser órfã (repetem-se cinco vezes) e houve também violências verbais em que *Anne* foi chamada de cachorro (quatro vezes), malvada (uma vez), traste imundo (uma vez) e maluca (uma vez).

No que se diz respeito aos preconceitos corporais, ao longo da primeira temporada, a protagonista sofre devido seus cabelos serem ruivos, por possuir sardas e por ser magra (oito vezes). Preconceitos de gênero (seis vezes) ainda são presentes, e foram motivados tanto pela comunidade, quanto pelos próprios estudantes. Identificou-se uma frequência de oito cenas de opressão por ser órfã e pelo seu modo de se portar no mundo. Além destas cenas, percebe-se também o preconceito corporal que reverberou em violência física quando Sra. Andrews vai afirmar que *Anne* é uma rameira (uma vez), e posteriormente a agride fisicamente. Além de tais agentes, verificamos que até seu próprio professor, *Mr. Phillips*, junto dos colegas de classe de *Anne*, que constrange *Anne* pela forma que ela declamou um poema (uma vez), fazendo com que a personagem tivesse uma atitude de autopunição (uma vez).

Podemos relacionar a repressão que *Anne* sofreu ao declamar um poema, a partir de Martins (2015, p. 144), quando ele afirma que “[...] educação, no contexto de pós-modernidade, intenta instituir códigos morais que estabelecem condutas e reprimem as possibilidades de expressão do corpo, num distanciamento entre a aprendizagem e as vivências do sujeito”. Quando relacionamos essa problemática com o contexto brasileiro, verificamos que o mesmo não se encontra tão distante da opressão sofrida por *Anne*, quando “[...] a ditadura dos corpos moldáveis, padronizados e perfeitos é construída na sociedade, na escola, nas aulas de

educação física” (Santos e Costa, 2018, p. 229).

Percebe-se que ao longo da primeira temporada, *Anne* vai tendo *flashbacks* das suas experiências enquanto trabalhava na casa de estranhos. Dentre os *flashbacks* apresentados, repetem-se quatro vezes a violência física para com a protagonista, duas vezes *Anne* sofre violência verbal e duas vezes violência psicológica.

Diante do exposto, verificamos o quão são incisivas as cenas de opressão sofrida pela protagonista e praticada por estudantes, e, por vezes, pelos professores de sua escola. Ao refletir a respeito das experiências de estudantes no contexto brasileiro, verificamos o quão importante é inferir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.934 de 1996, que afirma que o ensino deve ser ministrado com base no princípio da consideração com a diversidade étnico-racial dos estudantes e o respeito à liberdade e apreço à tolerância (Brasil, 1996). Sendo assim, a formação de profissionais da educação e a estrutura consolidada do projeto político pedagógico da escola são de fundamental importância para a garantia dos direitos impressos na lei.

Ao analisar os preconceitos sofridos por *Anne* na segunda temporada, percebe-se uma frequência maior de dois aspectos já presentes na primeira temporada: a) preconceitos sofridos na escola; b) *flashbacks* das experiências em casa de estranhos. No primeiro caso, percebe-se uma frequência de oito cenas nas quais a protagonista sofre preconceito na escola, e no segundo caso, seis cenas em que *Anne* ao longo do seu desenvolvimento na série, vai tendo *flashbacks* das experiências ruins que viveu ao longo de sua vida.

Apesar do preconceito da comunidade de *Avonlea* ter diminuído, retirando apenas os casos dos colegas de sua turma, verificamos que a mesma não deixou de sofrer com tais preconceitos, uma vez que ela ainda se pune com sua aparência e modo de ser e agir. Ao relacionar a baixa autoestima de *Anne* com estudos realizados no Brasil, identificamos a similaridade com os resultados do estudo de Andreolli e Triches (2019), em que os estudantes investigados apresentaram insatisfação ao seu corpo, foram aqueles que sofriam *bullying* pelos seus colegas da escola, por que seus corpos fugiam do padrão colonialista, sendo estes que apresentaram obesidade e magreza. Ou seja, ainda que a frequência de atitudes preconceituosas dos agentes para com *Anne* tenha diminuído, as ações passadas deixaram marcas profundas em sua vida.

Na primeira e segunda temporadas foram identificadas 18 cenas de violência verbal, 9 cenas de preconceito por *Anne* ser órfã; 7 cenas de sexismo; 5 cenas de violência física; 3 cenas de punição contra *Anne*; 2 cenas de violência psicológica; 1 cena de preconceito contra a ida de *Anne* à escola. No que se diz respeito ao

preconceito corporal, estes foram identificados enquanto: a) Preconceito com a aparência de *Anne* (frequência de 8 vezes); b) Cabelo Ruivo (frequência de 7 vezes); c) Magra (frequência 5 vezes); d) Modo de agir (frequência de 4 vezes) e e) Sardas (frequência de 4 vezes).

Diante do exposto, concluímos que é imprescindível o papel da escola no processo de conceituação do que significa corporeidade nos dias de hoje e no modo pelo qual essa compreensão pode colaborar para uma sociedade saudável e inclusiva.

### 3 CONCLUSÃO

Buscou-se nesse artigo identificar e analisar as experiências relacionadas à corporeidade na série *Anne With an E*, com o foco nas experiências escolares da protagonista ao longo das duas temporadas analisadas. Ao mesmo tempo, fez-se o esforço em buscar na literatura científica, trabalhos que tratassem o *bullying* e as questões referentes à corporeidade em crianças nas instituições de ensino brasileiras, a fim de dialogar com os mesmos problemas abordados na referida obra.

A partir da identificação, localização e análise das cenas, percebeu-se o quanto a protagonista sofreu por não se enquadrar no padrão do ser e de agir da época. *Anne* é uma órfã, magra, ruiva, com sardas e possui um jeito de sentir o mundo diferente de toda a comunidade que residia em *Avonlea*. Sua forma de falar, sua imaginação e contemplação da natureza, em vez de ser admirada e respeitada pelos colegas da turma, professor e demais membros da comunidade de *Avonlea*, foi motivo de *bullying* e opressão, marcando as relações de hierarquia e de poder presentes na subjugação de uma menina de apenas treze anos.

Diante do analisado, concluímos que a instituição escola deve ser vista não somente como um ambiente de educação formal, mas também como um ambiente de convívio, cujo saber lidar com as diferenças é de fundamental importância para o convívio em sociedade. Dito isso, o educador tem um papel fundamental em ser exemplo e estimular seus educados na constante e necessária atividade de respeito às diferenças e inclusão.

### REFERÊNCIAS

AHLERT, Alvorí. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. **Cardeno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 113-126, 2010.

ANDREOLLI, Andressa Salete; TRICHES, Rozane Marcia. Insatisfação corporal, bullying e fatores associados em adolescentes. **Ciência & saúde**, Paraná, 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de diretrizes e bases da educação brasileira**. Brasília: Ministério da educação, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)> Acesso em 10 de nov. 2020.

CHALUH, Laura Noemi. Filmes na formação de futuros professores: educar o olhar. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v.28, n.02, p.133-152, jun. 2012.

FILHA, Constantina Xavier. Gênero e resistências em filmes de animação. **Pró-posições**, v.27, n.1, p.19-36, jan./abr. 2016.

MARTINS, Ernesto Candeias. A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir). **Educar em revista**, Curitiba, n.56, p. 163-180, abr./jun. 2015.

SANTOS, Andreia Mendes; COSTA, Fábio Soares. Filosofia da corporeidade: transversalizações de um corpo intenso de devir. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.43, n.1, p.223-237, jan./man. 2018.